

GAZETA MERCANTIL

Terça-feira, 5 de abril de 1988

Expressivo êxito do lançamento do Fundo Brasil

Depois dos bons resultados obtidos no primeiro leilão para conversão de empréstimos externos em capital de risco, realizado na Bolsa de Valores do Rio de Janeiro na terça-feira da semana passada, tivemos, dois dias depois, a estréia do Fundo Brasil na Bolsa de Nova York. Foi também um significativo êxito, tendo o Brazil Fund, Inc. colocado a totalidade dos 12 milhões de ações ou cotas lançados no mercado americano, ao preço de US\$ 12,50 cada uma. No fim do pregão esses papéis já haviam registrado uma valorização de 12%, fechando a US\$ 14,00.

É importante notar que, diferentemente da conversão, os recursos captados pelo Fundo Brasil constituem dinheiro novo que deverá ser injetado na economia nacional em condições mais vantajosas, em termos cambiais, do que qualquer outro instrumento. A conversão, é verdade, produz lucro, pois o Tesouro se apropria do deságio, o que tem o mesmo efeito de um aporte de divisas. No caso do leilão da semana passada, por exemplo, tendo o deságio sido de 27% e negociados US\$ 186 milhões, a poupança de divisas re-

presentou US\$ 36 milhões. Mas, sob esse ponto de vista, o Fundo Brasil rende mais. No total, o lançamento deverá carrear US\$ 150 milhões, menos despesas iniciais calculadas em US\$ 12 milhões, o que deve significar, efetivamente, o ingresso de US\$ 138 milhões, dos quais 70%, pelo menos, serão investidos em empresas brasileiras de capital aberto.

Convém ainda destacar que a operação, feita com senso de oportunidade e tecnicamente muito bem preparada, demonstra que o conceito da economia brasileira no exterior não é tão mau, como alguns querem fazer crer. A rapidez com que foi feita a colocação das ações foi interpretada de modo geral como "um claro sinal de confiança nos investimentos no Brasil e no próprio futuro do País", como declarou um executivo do First Boston, instituição que atuou como líder do lançamento.

Como seria de esperar, não é intenção do conselho de administração do Brazil Fund aplicar, de imediato, os recursos captados no mercado de ações brasileiro, para evitar surtos especulativos. Possivelmente, o maior volume de re-

ursos será destinado ao mercado primário de ações, em papéis de companhias que decidirem abrir o capital ou em novas chamadas de sociedades já abertas. Mas, naturalmente, uma certa parcela deverá ser destinada ao mercado secundário, que constitui, aliás, a base de sustentação do mercado primário.

De qualquer forma, tais recursos deverão dar uma significativa contribuição para a elevação dos investimentos no País em uma fase em que o País tanto tem necessidade deles para impulsionar o seu crescimento, principalmente via atualização tecnológica.

Em ambos os casos — tanto o dos fundos de conversão quanto o do Fundo Brasil — não existe o tão temido risco de que o afluxo de recursos externos leve à desnacionalização da economia. As normas que regem esses mecanismos prevêm apenas a participação minoritária de capitais estrangeiros em empresas nacionais, o que, a nosso ver, resultará em vários benefícios. Naturalmente, tendo de prestar contas também a seus acionistas externos, que têm altos padrões de exi-

gência, as companhias nacionais que receberem recursos de fora tenderão a uma administração mais profissionalizada, o que se refletirá, certamente, em suas demonstrações contábeis.

Como já assinalamos em ocasiões anteriores, quando tratamos do assunto, o único transtorno que esse influxo de capital do exterior pode acarretar se dá do lado da política monetária. Seja desbloqueando cruzados atualmente depositados no Banco Central, como ocorrerá em grande número de operações feitas através dos fundos de conversão, seja transformando em cruzados os dólares captados através do Fundo Brasil, deverá haver uma expansão dos meios de pagamento, que exigirá cuidados do governo na administração da política monetária.

Mas não consideramos que esse fator, se o governo agir como pretende, dosando o volume ingressado a cada ano, seja um fator relevante para um país que deverá gerar um superávit comercial de US\$ 12 bilhões neste ano, com repercussões monetárias muito mais sérias.